

CORDEL CARLISSON GALDINO

DIGITAL





Cárliston Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: <http://www.carlissongaldino.com.br/>.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.



Visite meu site!
Leia cordéis,
poesias, contos
romances, artigos
e muito mais

 **CÁRLISSON GALDINO**
<http://www.carlissongaldino.com.br>

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Presidente do GUSLA – Grupo de Usuários de Software Livre de Arapiraca.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O Cordel Digital é escrito em setilhas (estrofe de sete versos), em redondilhas maiores (sete sílabas poéticas), estilo este que é bem tradicional entre os cordéis.

CORDEL DIGITAL

Meus amigos, com licença
Vou falar da realidade
Desses dias de hoje em dia
Do que fez a humanidade
Desbravando com bravura
A mata da Literatura
Veja quanta novidade

Houve um tempo muito antigo
Que poeta tinha ideia
De escrever histórias longas
Fosse o leão da Nemeia
Odisseu e suas dores
Ou grandes navegadores
Era a tal da epopeia

Elas eram poesias
Enormes de se cantar
Descrevendo uma história
Que tentavam registrar
Era, eu sei o que digo,
Um costume mais antigo
Que se possa imaginar

Foi assim com o Homero
Que dos deuses recebeu
Dom sublime lá na Grécia
E desse jeito escreveu
Versos que são ouro e joia
Narrando a Guerra de Troia
E a jornada de Odisseu

Depois, entre os portugueses
Como em outras nações
Ressurgiu num certo dia
Outro poeta dos bons
Feito pra narrar o drama
No mar, de Vasco da Gama
Era Luis Vas de Camões

Desse modo, todo povo
Viu poeta inteligente
Talentoso e inspirado
Falando pra toda gente
Grandes fatos dos que viu
E assim, cá no Brasil
Não ia ser diferente

No Brasil, esse trabalho
Coerente e genial
De romancear em versos
Tem lugar especial
No Nordeste da nação
Vivo em uma tradição
Trazida de Portugal

Falando muitas verdades
Contra rei e coronel
Ou fazendo o povo rir
Só de pegar no papel
Há livros que são achados
Em um cordão pendurados
Levam nome de cordel

São livretos bem pequenos
Mas grandes em seu talento
Trazendo pra nós notícias
Ou um bom divertimento
Pequenos com poesia
Pendurados, quem diria?
Em feiras, no movimento

Tem mulher que virou bicho
Tem medroso e assombração
Tem disputa de viola,
De goela e munição
Tem relato corajoso
Do inferno endoidando todo
Quando chegou Lampião

Você encontra pelas feiras
Do Nordeste brasileiro
Sempre muitas opções
Versos narram por inteiro
Dramas e atualidades
Com mentiras ou verdades
Sempre por pouco dinheiro

Hoje já não há mais tanto
Mas antigamente havia
Pra vender esses cordeis
Que são pura poesia
Artista com emoção
E uma viola na mão
Narravam em cantoria

Mas o tempo foi passando
Tudo passa nessa vida
E essa tradição da gente
Tão antiga e tão bonita
Com as gerações mudando
Pouco a pouco foi minguando
Hoje está quase esquecida

Hoje há poucos cantadores
Pelas feiras do Nordeste
Há poucos cordéis à venda
A cultura poucos veste
Mas buscando, é forçoso
Achar um ou outro teimoso
Que na tradição investe

Hoje se acha por aí
Os clássicos do cordel
E uns que por muitos anos
Escondidos num papel
Criaram força de repente
Resolveram finalmente
Mostrar a cara pro céu

E hoje a gente olha pro mundo
O mundo está tão mudado
Todos vivem na canseira
Se matando por trocados
Numa correria louca
E a leitura, que era pouca
Foi ficando mais de lado

Com TV, rádio, Internet
Videogame, academia
Celular, computador
GPS, foi-se o dia
De moleza na calçada
E nessa vida estressada
Quem tem tempo pra poesia?

Em tudo botou o dedo
Essa Tecnologia
Disco já virou CD
PC encolheu, quem diria?
Aumentando a qualidade
E hoje já é realidade
O que o cinema previa

Hoje todos têm acesso
Ao que só teria o rei
Todos têm cartão de crédito
Celular, pelo que eu sei
Cada um tem três o quatro
Tevezona virou quadro
Filme se tornou blue-ray

E tudo foi progredindo
Como era o natural
E foram desencarnando
Do mundo material
Nessa evolução danada
Tão espiritualizada!
Tudo agora é digital

Ninguém precisa de disco
Pra música simplesmente
Converte pra MP3.
Jogo ou video facilmente
É só ter dispositivo
Player ou PC. E com livro?
Por que seria diferente?

Amazon entrou na dança
Lançando o tal do Kindle
Depois a Apple com o iPad
Que tanta gente acha lindo
Sony, Samsung e outras mais
Têm produtos quase iguais
E muitos outros vem vindo

São notebooks pequenos
Por tablets conhecidos
Pra navegar na Internet
Ver uns videos divertidos
Ver e-mail e conversar
Agendar e calcular
E também para ler livros

Ou são, mesmo parecidos,
Aparelhos diferentes
Feitos só para ler livros
Com uma tela inteligente
Para ler poesia ou crônica
A tal da tinta eletrônica
Pra ser bom de ler pra gente

Pois, amigos, desse jeito
O livro, que era papel
Hoje está só na memória
De um aparelho "do céu"
Tanto livro e saber
Vai num cartão SD
Que a gente fica pinel

E se hoje já há dicionário
Romance, HQ, mangá
Coletânea, manual
De quase tudo já há
Se tem lugar pra poesia
Revista, jornal e guia
O cordel não tem lugar?

O cordel tem que viver
É um marco dessa gente
Tem o seu lugar cativo
No coração do vivente
Do Nordeste brasileiro
E assim do Brasil inteiro
Talvez nem dele somente

Poesia gigantesca
É algo internacional
Se aqui temos cordel
Noutros cantos, tem igual
Cada povo, com efeito
Faz, na sua língua, seu jeito
Essa tradição legal

E se hoje todos falam
Da tal globalização
Por que não vir o cordel
Dar sua parte da lição?
Sair da feira do agreste
Para entrar na Internet
Qual no céu foi Lampião?

É por isso, meus amigos
- E não estranhem o fato -
Que o cordel tem o direito
De ter a turbina a jato
Que essa tecnologia
Oferece e a poesia
Cabe num livro abstrato

Hoje, nesses novos tempos
Que mudam nosso normal
Quando a vida é correria
E o consumo é sem igual
Tudo aos poucos é mudado
Que fique aqui registrado
O Cordel é Digital

E se a mudança não para
E se tudo se mistura
Pra estar no mundo global
Preservando a cultura
Quem sabe se alguém não cria
Disk-cachaça, e um dia
Download de rapadura?

Nessa era tão moderna
Marcada, pelo que sei,
Pelo compartilhamento
Que todos podem ser reis
Que a Arte humana tanto cresce
Quando será que aparece
Um repentista DJ?

E assim, meu caro amigo
É chegado o momento
De partir, já me vou indo
Grato pelo acolhimento
Até um outro cordel!
Boa sorte pra quem leu
E bons compartilhamentos!

– Cárliston Galdino